FACULDADE DE ENSINO TEOLÓGICO

SOTERIOLOGIA



15º Matéria

Pr Gilmar Itália

CNPJ: 35.712.730/0001-08



SEMINÁRIO TEOLÓGICO AVANÇADO
DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

A Doutrina da Salvação

- Soteriologia -

A Soteriologia

Introdução

A doutrina da salvação, na maioria das igrejas e centros de crença existentes hoje, é nebulosa ou, nos casos piores, contraditória. A confusão que existe sobre esta doutrina é tremenda. Tal confusão pode vir por ela tratar muitos tópicos em uma ordem que às vezes é difícil de seguir. Mesmo que o assunto contém aspectos que são impossíveis de entender por completo, convém um estudo sobre este vasto assunto pois quase todos os livros da Bíblia o tratam. O termo teológico deste assunto é soteriologia. Essa doutrina abrange as doutrinas da reprovação, a eleição, a providência, a regeneração, a conversão, a justificação e a santificação entre outras. Também envolve a necessidade de pregação, de arrependimento e de fé. Inclui até as boas obras e a perseverança dos santos. A salvação não é uma doutrina fácil de entender pelo homem. É uma atividade divina em que participam as três pessoas da Trindade agindo no homem. Por ela tratar da obra de Deus que resulta no eterno bem do homem para a glória de Deus somos incentivados a avançar neste assunto com temor e oração para entendê-la na forma que é do agrado de Deus.

Que Deus nos guie com entendimento espiritual pelas maravilhas da Sua Palavra no decorrer deste estudo e que Deus nos traz à convicção verdadeira, e, pela Palavra de Deus, nos dá um conhecimento melhor e pessoal de Jesus Cristo (Ef. 1:17-23).

O Desígnio da Salvação

A *obediência* é a forma abençoada por Deus para Ele ser glorificado (Rm. 4:20,21). A obediência desejada é entendida tanto antes do pecado (Gn. 2:16,17) quanto depois (Dt. 10:12,13). Pela obediência da Sua Palavra, Deus é glorificado. Essa observação contínua é o dever de todo o homem (Ec. 12:13).

A desobediência da lei de Deus é pecado (I Jo. 3:4; 5:17) e provoca a separação eterna do pecador da presença de Deus (Gn. 2:17; Rm. 6:23). O pecado é uma abominação tamanha justamente por não intentar dar glória a Deus (Nm. 20:12,13; 27:14; Dt. 32:51). O pecado é iniqüidade a Deus e em nenhuma maneira glorioso.

A Causa da Salvação

Ef. 1:3-6

Deus como Causa - Ap. 1:8

A salvação começa com Deus, e isso, "antes da fundação do mundo" (Ef. 1:3,4; II Ts. 2:13; Ap. 13:8). Por causa de não existir no princípio um homem sequer, junto com a sua vontade, nem o ministério dos anjos ou a pregação da Palavra de Deus - a salvação começou com o que era no princípio: Deus (Gn. 1:1). Deus é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim (Ap. 1:8, 11). Deus é a primeira causa de tudo, um conceito reservado para o divino (Rm. 11:36). Porque? "Ó Pai, porque assim te aprouve." (Lc. 10:21). Entendendo a situação deplorável do homem (Gn. 6:5; Rm. 3:10-18) podemos entender que a fé em Cristo é "obra de Deus" (Jo. 6:29). É necessário lembrar-nos
que o assunto deste estudo é a salvação e não a condenação. Os condenados pela justiça santa de Deus só podem culpar a sua própria cegueira espiritual e amor pelo pecado. Nunca podem responsabilizar a

Deus pela condenação (Ec. 7:29). Os salvos, de outra maneira, somente têm Deus para louvar pela salvação (II Ts. 2:13).

A Natureza da Salvação

O fato de estudarmos a salvação presume que ela existe (Jo. 3:19). Se ela existe há uma necessidade que a faz existir. Por ter uma doutrina da salvação é presumida a existência de iniqüidade, que é a quebra de uma lei (I Jo. 3:4; 5:17, "o pecado é iniqüidade."), e a existência de um que deu a lei, o qual é Deus (Jo. 15:22,24, "Se Eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado.."). Tudo o que é pecado (que será estudado posteriormente) e tudo que o pecado causa é desfeito pela salvação.

Em geral podemos dizer que a salvação é uma libertação. A salvação é libertação da culpa e impiedade do pecado juntamente das suas conseqüências eternas de rebelião contra o governo do Deus Todo-Poderoso.

Os Necessitados da Salvação

No relato bíblico, somente antes do pecado, é dito que tudo que Deus fez foi considerado "muito bom" (Gn. 1:31).

Depois que o homem desobedeceu ao mandar de Deus de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn. 2:7) e comeu dela (Gn. 3:6) não se acha nada na Bíblia referindo-se ao homem natural como 'bom'. Isso mostra tanto que o pecado destrói quanto é universal e total.

Que o homem necessita da salvação é claramente evidente por uma olhada às noticias dos acontecimentos do homem ao redor do mundo pelos meios de comunicação.

A Prova da Universalidade do Pecado

A prova que todos os homens são pecadores é dada pelo fato que não há ninguém que obedece sem nenhuma falha ou omissão todos os

mandamentos, e, não existe ninguém que pode manter-se puro de todo e qualquer pecado em pensamento, palavra, ação em coração e vida.

A Escolha de Deus na Salvação

Efésios 1:3-13

O Significado das Palavras Bíblicas: 'eleito' e 'escolha'

Pela simples comparação ao significado desta palavra 'eleito', como ela é usada pelas Escrituras Sagradas, podemos entender que *a eleição é uma escolha*, e, uma escolha feita por Deus. A palavra 'eleito' em português significa como adjetivo: 1. Escolhido, preferido. Como substantivo significa: Indivíduo eleito (Dicionário Aurélio Eletrônico). A própria palavra 'eleição' significa em português: 1. Ato de eleger; escolha, opção (Dicionário Aurélio Eletrônico). Como é claro pelo estudo das palavras usadas biblicamente para explicar a determinação de Deus, tanto em hebraico, em grego ou em português a palavra 'eleito' e 'escolha', junto com a suas variações, significam a mesma coisa, ou seja, uma *escolha de preferência*.

A Natureza da Eleição

Desde que a Bíblia trata dessa escolha abertamente, não temos que chegar a uma vaga conclusão deduzida por abstratos, emoções, preferências ideológicas ou mera simbologia. Essa escolha é descrita pela Bíblia. Por ser descrita biblicamente não é necessário ter dúvidas sobre a *natureza da eleição.*

A eleição é: Incondicional

A natureza dessa escolha é descrita pelas verdades apresentadas na Bíblia também como sendo ***incondicional***. Isso não quer dizer que a salvação não tem condições, pois as tem (e todas elas são preenchidas pelo sangue de Cristo, Ef. 2:13; I Pe. 1:19,20). Todavia, não estamos tratando agora das condições relativas ao preço pago pela salvação, mas do fato que o homem não necessitava cumprir algo para ser *escolhido* por Deus para a salvação. Pela afirmação que a eleição é incondicional

entendemos que aquela escolha que Deus fez antes da fundação do mundo (Ef. 1:4), não foi baseada em algo que existia anteriormente ou poderia existir posteriormente no homem.

A eleição não veio do homem

Deus escolheu o homem "para Si mesmo, *segundo o beneplácito de sua vontade*" (Ef. 1:5,9,11. A palavra 'beneplácito' significa: aprazimento - Dicionário Aurélio Eletrônico, Ver. 3.0). A condição da determinação primária de Deus foi o querer de Deus e não por nenhuma justiça real ou provável que o homem poderia ter, intentar ou desenvolver (Is. 64:6, são "*todas as nossas justiças* como trapo da imundícia"). Se Deus tivesse posto uma condição para eleger qualquer homem, e, se um homem tivesse cumprido essa condição, este homem se destacaria acima dos que não teria cumprido a mesma condição. Aquela condição cumprida faria este homem favorável diante de Deus e faria Deus a ser obrigado a conceder-lhe a salvação. Uma condição favorável do homem diante de Deus faria a salvação ser pelas obras ou pelas condições humanas e não plenamente segundo a graça divina. Se Deus escolhesse o homem pelo homem primeiramente escolher a Deus, faria a salvação ser feita pela vontade de homem em vez do beneplácito da vontade divina. Mas, a eleição, tanto quanto a salvação, é puramente pela graça: um favor divino desmerecido (Rm. 11:5,6; Ef. 2:8,9, "Pela graça sois salvos") e imerecido pelo homem (Jr. 13:23; Rm. 8:6-8, "os que estão na carne não podem agradar a Deus"). A eleição é uma escolha puramente divina e completamente graciosa para salvar um homem que não tinha nenhuma condição boa para apresentar-se diante de Deus com um mínimo mérito qualquer. Deus preferiu um pecador particular para receber a Sua graça somente porque *quis*

(Rm. 9:15,16, "Compadecer-me-ei de quem *me* compadecer, e terei misericórdia de quem *eu* tiver misericórdia").

A Eleição e a Proibição de ter Respeito ou Fazer Acepção de Pessoas

Uma das dificuldades em entender que a eleição é justa são as numerosas (no mínimo 17) citações pela Bíblia que toca no assunto que

Deus não faz acepção de pessoas e ou as instruções que nós não devemos fazer acepção de pessoas (Lv. 19:15; Dt. 1:17; 10:17; 16:19; II Cr. 19:7; Jó 34:19; Pv. 24:23; 28:21; Mt. 22:16; At. 10:34; Rm. 2:11; Gl. 2:6; Ef. 6:9; Cl. 3:25; Tg. 2:1,9; I Pe. 1:17).

É claro que todos os pecadores *necessitam* da misericórdia divina, mas também deve ser claro, não há ninguém que *a merece*.

Se, como alguns querem supor, entre todas as pessoas que mereciam uma atenção positiva, ou entre todas que clamavam em arrependimento e a fé pela salvação, fosse dada uma distinção preferencial, assim, sim, **seria** uma terrível injustiça da parte de Deus. **Mas**, quando todas são verdadeiramente inimigas e rebeldes (Rm. 8:6-8) e condenadas (Jo. 3:19), e ninguém está buscando a Deus (Sl. 14:1,2), a misericórdia **pode** ser estendida a um desses malfeitores em particular sem a mínima injustiça.

Resumindo: entre pessoas com *merecimentos* iguais, uma distinção preferencial seria injusta. Todavia, a eleição foi feita entre pessoas sem quaisquer *merecimentos*.

Concluindo, deve ser mencionado o fato de Deus fazer uma escolha qualquer entre os pecadores não faz os pecadores não escolhidos a serem mais ímpios. A eleição também não faz os pecadores não elegidos mais condenados.

Ninguém é condenado pelo fato de não ser escolhido.

A condenação é dada por causa do homem *pecar* (Gn. 2:17; 3:6; Ez. 18:20; Rm. 6:23). Os pecadores não são culpados por não serem escolhidos mas por não obedecerem aos mandamentos de Deus (I Jo. 3:4). É o pecado, e não a eleição, que condena. A escolha que Deus faz, somente opera que uns pecadores são salvos, ou seja, que alguns tenham o fim justo dos seus pecados colocado em Cristo.

Todo pecador tem a responsabilidade de se arrepender dos seu pecados e crer no Filho de Deus, o Jesus Cristo, para ter a remissão dos pecados (At. 17:30). Deus fará a Sua obra da salvação nos que O buscam com todo o coração (Is. 55:6,7). Então a mensagem é: Busque o misericordioso Deus pelo Salvador enquanto é dia! Em Cristo, “A

misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram". (Sl. 85:10; Tg. 2:13, "a misericórdia triunfa do juízo").

O Tempo da Eleição

Quando é que Deus decidiu exatamente quem receberia a Sua influência graciosa que não era segundo a capacidade nem à ação do pecador? Não obstante no que as pessoas podem discordar com o que já foi estudado até neste ponto, nisso quase todos são unânimes: a eleição foi determinada na eternidade passada, sim, até "antes da fundação do mundo" (Ef. 1:4)

Queremos entender que a ordenação a crer ou, o propósito divino para os elegidos a serem salvos, veio antes de nós termos a possibilidade de conhecer a Deus (Is. 45:5), antes da chamada à salvação (Rm. 8:29,30), antes da própria fé (At. 13:48; Jo. 10:16) e bem antes dos elegidos serem nascidos e antes que fizeram bem ou mal (Rm. 9:11). As Escrituras Divinas são muito claras que a eleição é desde a eternidade.

A imutabilidade de Deus é tocada neste assunto. Deus faz tudo segundo o Seu propósito (Rm. 9:11; II Tm. 1:9) que é segundo a Sua vontade (Ef. 1:11). O propósito e a vontade de Deus são integrantes dos atributos eternos de Deus. *Deus nunca pode ter um novo plano ou propósito* (At. 15:18, "Conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as suas obras"; Ef. 3:11, "eterno propósito").

A Base da Eleição - O Amor de Deus

Para os salvos, é uma benção tremenda saber que mesmo que amam o Senhor Deus por Cristo em tempo, o eterno Deus os amava na eternidade. Esse amor eterno também é um estímulo para os que ainda não são salvos. Estes são animados ao procurar esse grande amor e misericórdia que ultrapassa a impiedade dos seus pecados (Rm. 5:20, "onde o pecado abundou, superabundou a graça"; Mt. 11:28; Is. 55:7).

À nação de Israel, Deus empregou o seu amor eterno para estimulála à obediência. Ele a mandou observar ordens grandes e corajosas. O que deveria motivar a sua obediência era o amor eterno e divino visto pela eleição (Dt. 7:7,8, "O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos

escolheu porque a vossa multidão era mais do que a todos os outros povos .. mas, porque o SENHOR vos amava ..").

Porquanto com *amor eterno* te amei, ***por isso*** com benignidade te atraí" (Jr. 31:3). Foi dito que Jacó foi escolhido "para que o propósito de Deus segundo a eleição, ficasse firme" e nessa condição de elegido, é dito: "Amei (observe que o verbo está no tempo passado) a Jacó" (Rm. 9:11,13; Ml. 1:2).

O elegido reage ao amor de Deus em vez de Deus reagir ao amor do elegido. O salvo tem um relacionamento amoroso com Deus justamente **por causa** do amor de Deus que agiu *primeiro*. Por isso o apóstolo João declara: "Nós O amamos a ele porque ele nos amou primeiro." (I Jo. 4:19).

Os Reprovados (Os não elegidos) – Rm. 9.1-8

É puramente natural pensar nas pessoas que não foram eleitas quando se ocupa no estudo da eleição. **O Que é a Doutrina da Reprovação?**

"*Reprovação é a decisão soberana de Deus, antes da criação, de não levar em conta algumas pessoas, decidindo em tristeza não salvá-las e puni-las por seus pecados, manifestando por meio disso a sua justiça*.", (Grudem, pg. 572).

A Reprovação na Bíblia - Deus fez o ímpio para o dia do mal (Pv. 16.4); é evidente que Ele odeia alguns, mesmo antes destes serem nascidos e ainda não terem feitos bem ou mal (Rm. 9.11-13); Deus faz, na Sua soberania, um vaso para honra e outro para desonra (Rm. 9.21-22, "E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência *os vasos da ira, preparados para a perdição*"; Rm. 9.13,18, "Logo, pois, compadece-se de quem quer, *e endurece a quem quer*."; Mt. 11.25, " ... Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que *ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos*, e as revelaste aos pequeninos."); Deus endurece os que não foram elegidos (Rm. 11.7, "e *os outros foram endurecidos*.") e, sem duvida destina alguns para a ira (I Ts. 5.9, " ... Porque Deus não *nos* destinou para a ira"); Deus designa que alguns tropecem na palavra (I Pe. 2.8, "para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes;

para o que também foram destinados"); Deus oculta informações de alguns (Mt. 11.25,26); Deus cria alguns para serem presos e mortos perecendo na sua corrupção (II Pe. 2.12, " ... *feitos para serem presos e mortos*,"); existem alguns que foram escritos para o juízo (Jd. 4, "que *já antes estavam escritos para este mesmo juízo*,") e há alguns que Ele não escreve no livro da vida desde a fundação do mundo (Ap. 13.8; 17.8). Portanto é claro que *há uma determinação eterna da parte de Deus para que alguns nunca conheçam a Sua graça salvadora*.

Exemplo - Faraó é um exemplo dessa determinação prévia de Deus para que uma pessoa seja um objeto da sua ira. Antes de Faraó ter nascido, já eram determinadas as suas ações para com Israel (Gn. 15.13,14). Em tempo, foi declarado a Faraó que ele seria mantido para mostrar nele o poder de Deus e por ele o nome de Deus seria anunciado em toda a terra (Êx. 9.15,16; Rm. 9.15-18). Sabendo tudo isso, Faraó continuou no seu caminho ímpio. No julgamento pela sua impiedade, Faraó declarou-se pecador e Deus justo (Êx. 9.27). Na conclusão da libertação do povo de Deus, com Moisés testemunhando toda a operação de Deus tanto no endurecer o coração de Faraó quanto o seu julgamento, afirmou a santidade de Deus e que Ele é admirável em louvores (Êx. 15.11). Este cântico de Moisés será repetido no céu pelos que têm sabedoria quando a ira de Deus é consumada (Ap. 15.1-
4).

A Soberania de Deus e a Responsabilidade do Homem - Pelo exemplo de Faraó podemos entender que a soberania de Deus trata também das obras contrárias da justiça divina. Entendemos, pelo homem ser responsável a honrar Deus em tudo, o homem é ímpio e julgado justamente por Deus. Podemos concluir, depois de estudar o exemplo de Faraó, que Deus não causou o pecado de Faraó. O pecado, rebelião e a inimizade contra Deus veio do coração do Faraó como todo o pecado vem do coração do homem (Jr. 17.9; Ec. 7.29; Mt. 15.18-20).

Não podemos entender tudo sobre a graça e a reprovação, mas, na realização de diferenças feitas entre os homens (I Co. 4.7, "*Porque, quem te faz diferente?* E que tens tu que não tenhas recebido?"), essas

diferenças sendo segundo a vontade de Deus, podemos concluir como Jesus declarou: “Sim, o Pai, porque *assim te aprouve*.” (Mt. 11.26).

Deus é o Autor do Pecado?

Por Deus fazer o ímpio para o dia do mal (Pv. 16:4), e fazer tudo segundo a Sua vontade (Ef. 1:11) não afirma que Deus é o autor da impiedade do homem, o responsável pela sua condenação pecaminosa e nem o responsável pelo homem pecador sofrer no inferno. O homem pecou no Jardim do Éden, e peca ainda hoje por *querer* (Gn. 3:6; Ec. 7:29). A condenação vem sempre pela desobediência (Ez. 18:20; Rm. 6:23; 9:20-33; Jo. 3:19). O homem é o único responsável *judicialmente* pelo resultado da sua ação pecaminosa. Sem dúvida, o decreto eterno de Deus inclui a queda do homem no pecado mas *não foi o decreto eterno que provocou a queda*. Pelo homem pecar veio a queda (Gn. 2:17; 3:1-6). Considere o fato dos homens ímpios que crucificaram Cristo, fazendo tudo que Deus já anteriormente determinara. Considere que as suas ações foram consideradas “contra o Senhor e contra o Seu Ungido” evidenciando a culpabilidade dos homens que cometeram essas ações (At. 2:23; 4:25-28). A culpa nunca é pela determinação divina mas sempre pela ação pecaminosa do homem (Ec. 12:14; Ap. 20:13).

O Preço Pago na Salvação

Introdução

Se Deus, na eternidade, escolheu homens em particular para os salvar, os pecados destes devem ser pagos. É lógico que o assunto do preço pago na salvação siga o assunto da escolha que Deus fez na salvação.

A postura que devemos ter em relação aos pontos que seguem deve ser a mesma que temos neste estudo inteiro. Não devemos esperar entender o que a Bíblia ensina nessa área doutrinária dependendo somente da lógica humana. A lógica do homem é bem inferior aos princípios divinos (Pv. 14:12; Is. 55:8; Rm. 11:33; I Co. 1:19-25). Se esperarmos

entender algo da Palavra de Deus devemos pedir o auxilio de Cristo (I Co. 1:18; 2:14-16; Hb. 5:14). Devemos praticar a fé pois somente por ela podemos crer o que a Bíblia ensina (Rm. 1:17; Hb. 11:1,6). Também qualquer tentativa de explicar o mistério do preço pago exclusivamente com lógica humana seria fútil e igual de transformar a luz em trevas.

Convém enfatizar novamente o primeiro ponto deste estudo: o desígnio da salvação, em todas as suas partes, é a glória de Deus na face de Jesus Cristo. Mesmo que os assuntos abordados nesta parte do assunto afetam o homem de várias maneiras, não é o homem visado em primeiro lugar. A gloria de Deus pela obediência de Cristo é visada primeiramente (Jo. 6:38,39).

Convém termos um temor adicional nesta parte do estudo pois estamos abordando um assunto que excede qualquer outra obra que pode ter no céu ou na terra. Múltiplas profecias de Gn. 3:15 a Malaquias 4:6 tratam repetidas vezes Àquele que viria pagar o preço do pecado. Por ter tanta ênfase pela profecia pelo Velho Testamento, uma atenção deve ser dada. Não foi somente no Velho Testamento que a atenção sobremaneira foi dada mas no Novo Testamento também. Pelo Novo Testamento sinais indiscutíveis foram apresentados na conceição (Lc. 1:30-35), no nascimento (Lc. 2:814), durante o crescimento (Lc. 2:46-52), e durante o ministério público deste Cristo que pagou o preço (Lc. 4:17-21). Também foram sinais abundantes na Sua morte (Lc. 23:44-47; Mt. 27:50-55), na Sua ressurreição (Lc. 24:1-7; I Co. 15:4-8), na ocasião da Sua ascensão (At. 1:9-11), pelo Seu ministério agora com o Pai (Hb. 7:25), e pelos Teus ministrantes na terra que pregam a Sua mensagem (Mc. 16:16,17). Nenhuma outra pessoa ou ser tem tanto destaque quanto aquela atenção dada pela Palavra de Deus à pessoa e a obra de Jesus Cristo.

A Causa do preço a ser pago

Entendendo melhor do pecado que levou Cristo a derramar o Seu sangue mais valor daremos pela salvação. Por muitos não entenderem a natureza do pecado, menos valor dão ao Salvador dos pecados. É importantíssimo entender o pecado pois fez que conviesse (ser próprio e útil - Lc. 24:26) o Filho de Deus “a entristecer-se e angustiar-se muito”

(Mt. 26:37); ter as suas costas feridas, os cabelos da sua face arrancados e para Ele receber a afronta e cuspo dos atormentadores (Is. 50:6). A beleza do preço pago é vista somente quando é examinado por perto aquilo que fez com que fosse importante (um dever - Jo. 3:14,15) o Santo e Eterno Deus Pai ferir, oprimir, moer e desamparar o Seu Único e Amado filho (Sl. 22:1; Mt. 27:46; Zc 13:7; Is. 53:4,5). Somente percebendo a razão do desprezo constante dos pagãos, religiosos (Is. 53:1-3), das aflições e inimizade de Satanás (Gn. 3:15; Mt. 4:1-11) podemos admirar o preço que foi pago. Pode ser que algo diferente do que o sacrifício tão cruel do Filho de Deus fosse possível a Deus ("todas as coisas te são possíveis", Mc. 14:36), mas nada menos do que a completa humilhação e a afronta da morte maldita na cruz poderia satisfazer o que era proposto pela vontade de Deus (Hb. 12:2; Mc. 14:36).

A opinião do homem sobre o preço que precisa ser pago pelo pecado é mínima. O preço necessário a ser pago é comparado, ao homem, a uma fonte doce na qual ele pode beber quando precisa refrescar-se do tormento que o pecado provoca à sua consciência (Gn. 3:11-13; 4:9; Rm. 2:14). Ele medita um pouco no mal que fez, e ele determina um ato, pensamento ou uma intenção mínima de retribuição para apaziguar a sua consciência. Para o homem, aquilo
que causou o preço a ser pago na salvação foi apenas uma fraqueza moral que foi herdada de Adão. É um mal que pode ser resolvido facilmente por um jeito esperto agora ou no fim da vida. Infelizmente a opinião do homem sobre o preço necessário a ser pago pelo pecado não é a mesma dAquele que julga o pecado segundo as suas obras (Ap. 21:13).

O preço pago pelo pecado

Aos pecadores, Deus não deve a Sua misericórdia, a Sua graça, o Seu perdão ou a Sua presença bondosa e eterna. O pecado merece somente a **justiça divina**.

Todo o pecado merece aquela justiça de Deus que julga o pecador à morte e à maldição eterna. É a justiça de Deus que prescreve que o

pecador seja separado eternamente da Sua presença misericordiosa (Gn. 2:17; Ez. 18:20; Rm. 6:23; Jó 36:17, "o juízo e a justiça te sustentam").

Entendendo que o pecado não é apenas um defeito na personalidade humana ou somente uma simples insuficiência de esperteza espiritual, o preço que deve ser pago pelo pecado tem que ser muito mais do que somente uma 'ajuda, 'chance', ou 'jeito' divino para o pecador. Pela estudo da Bíblia podemos entender melhor, não somente o que é que causou um preço a ser pago pelo pecado mas o próprio preço pago. Entenderemos esse preço pelo estudo de II Co. 5:21:

"Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus."

"*Àquele* ..." – característicos da pessoa dada como preço do pecado, são apontados pela palavra "aquele" usada em II Co. 5:21. Não foi qualquer pessoa dada como preço do pecado mas um em particular. Os títulos daquele que foi dado como sacrifício pelo pecado revela muito: "o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu" (Ap. 5:5; Is. 11:1,2), o "Rei dos reis, e Senhor dos senhores" (Ap. 19:16), o "Raboni" (Jo. 20:16), o "Cordeiro de Deus" (Jo. 1:29). Quem pagou o preço do pecado é determinado pela simbologia da pedra rejeitada que Deus colocou por "cabeça de esquina" (At. 4:11). Este é comida espiritual (Jo. 6:54, 63) e água viva (Jo. 7:37,38). "Aquele' que foi dado é nada menos do que o eterno "Verbo" (Jo. 1:1; Jo. 8:58), Quem é "um" com o Pai (Jo.10:30), o "Deus conosco" (Mt. 1:23), o "SENHOR" (Jeová) do Velho Testamento revelado no Novo Testamento (Joel 2:28-32; At. 2:16-21; 16:31). O preço pago pelo pecado não foi um preço qualquer. O preço pago foi o próprio Deus, na pessoa de Jesus Cristo (Jo. 1:18; Jd. 25).

Por quem este preço foi pago

"*... por nós* ..." – por quem o preço do pecado foi pago é entendido pelas palavras "por nós" de II Co. 5:21. Cristo é "aquele" que representa os "seus". Os pecadores são feitos pecadores por estarem em Adão (Rm. 5:12). Os salvos são feitos santos por estarem em Cristo, antes da

fundação do mundo (Rm. 5:19; Ef. 1:4). Como Adão representa todos os homens, sem exceção de nenhum, assim Cristo representa todos "os que são de Cristo", sem exceção de nenhum (I Co. 15:22,23; II Co. 5:14,15). A obra de Cristo foi uma substituição legal para os seus em particular (Hb. 2:11).

I João 2:1,2, *"Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo."*

O versículo I João 2:1,2 que parece enfatizar uma expiação geral, em verdade não ensina isso. O apóstolo João está escrevendo aos judeus e ele relata a verdade que a salvação por Cristo não é somente entre os judeus mas para "todo o mundo". Quer dizer: os gentios podem ser salvos também. O apóstolo João, pela revelação em Apocalipse, revela que de "todo o mundo" há salvação, sim, 'uns de todos' (Strong's) ou, quer dizer, "homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação" (Ap. 5:9). O versículo Romanos 3:9, usa os dois, "tantos judeus como gregos" no sentido de "todos" da mesma forma de I João 2:1,2. Na verdade, poucas são às vezes, entre os 1.234 usos da palavra 'todos' no Novo Testamento (#3956 no Strong's, Concordância Fiel), que a palavra "todos" significa a totalidade das pessoas. Geralmente o próprio texto torna evidente a sua limitação.

João 3:16, *"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."*

A Chamada à Salvação

I Pedro 1:20

"O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos por amor de vós;"

O fato de que Cristo, o Filho de Deus, tornou-se homem, representando os eleitos, no lugar deles, com a própria pena que recairia sobre eles, e dando a Sua vida em sacrifício por eles não faz com que estes sejam automaticamente salvos.

Deus Usa Meios para Cumprir a Sua Vontade

Os que Deus elegeu não são salvos no ato da sua eleição simplesmente por serem elegidos. Estes serão salvos em um tempo futuro em conseqüência dos meios que Deus determina. *A eleição não é a própria salvação mas conduz "para a salvação"* (II Ts. 2:13). Não há nenhuma dúvida de que a eleição resultará na salvação de todos os elegidos em seu tempo propício.

Os meios internos são aqueles meios invisíveis empregados por Deus no interior do homem antes mesmo que o homem perceba qualquer ação nele em prol da sua salvação.

A Graça de Deus – II Tm. 1:9

Por necessidade é importante listar a graça em primeiro lugar destes meios que Deus usa na chamada à salvação pois Deus é a primeira causa de qualquer boa obra (I Tm. 1:17). A graça é aquele maravilhoso atributo de Deus que é manifestado quando Deus derrama bênçãos em quem não as merece. Pela Palavra de Deus, pode ser observado que haja dois tipos de graça*: a comum* que é dada a todos os homens mas não salva ninguém e *a especial* que opera eficazmente nos eleitos trazendo-os seguramente à salvação por Jesus Cristo.

A Graça Comum ou Geral

A graça comum é manifesta a todos (Sl. 136:25; 145:9; At. 17:2426) incluindo bênçãos ao estrangeiro dando-lhe pão e vestimenta (Dt. 10:17-19), à natureza suprindo todas as suas necessidades (Sl. 104:11-22; Lc. 12:6; Mt. 6:28-30). A graça comum estende tanto aos justos e injustos como aos bons e maus juntamente dando-lhes sol, chuva e tudo para viver bem (Dt. 29:5; Mt. 5:43-45; Lc. 6:35; 16:25). Essa graça comum é dada aos homens em geral dando-lhes um governo civil que é um instrumento de Deus (Rm. 13:3,4; I Pe.

2:14). A graça comum faz parte das coisas minuciosas ("até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados", Lc. 12:7) até as coisas impossíveis de medir, a preservação do mundo e tudo que nele há (Neemias 9:6; Cl. 1:16,17). Conjuntamente com estas bênçãos Deus também dá a mensagem de salvação a muitos que nunca serão salvos (Mt. 13:19-22; At. 14:15-17; Rm. 2:4; I Tm. 4:10). *Essa graça comum pode ser resistida* (Mt. 23:37) e é resistida por todos que vão para o inferno. Que essa graça geral não é salvadora é entendida pela observação que os maus continuam maus depois da manifestação de tal graça mesmo que tal graça e bênçãos sejam maravilhosas (Rm. 2:4).

A Graça Especial ou Particular

A graça especial de Deus é exercitada para com aqueles que Deus ama particularmente (Dt. 7:7,8; 9:6; Jr. 31:3; Ef. 1:5; 2:4, "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que *nos* amou,"). A graça especial de Deus também age em casos além da salvação. Essa graça particular é revelada em vários casos pela Palavra de Deus. Não existe outra explicação, a não ser a graça especial, que enviou Elias à viúva de Sarepta de Sidom e Eliseu ao leproso Naamã, o siro (Lc. 4:25-27; I Reis 17:8-13; II Reis 5:1-17). Essa graça especial é gloriosamente notada nos que Ele chama particularmente à salvação (Sl. 65:4; Rm. 8:28,29; I Co. 1:24; Gl. 1:15,16). Pela graça particular Deus escolheu: salvar os homens e não os anjos (II Pe. 2:4), abençoar Israel em ser o Seu povo e não qualquer outra nação existente naquela época (Gn. 12:1-3), levar o evangelho à Macedônia e não à Ásia (At. 16:6-10), aos pobres e não aos ricos (Tg. 2:5), aos simples e não aos cultos (Mt. 11:25,26) e aos demasiadamente ímpios e não aos justos (Mt. 21:32). ***A graça especial de Deus pode ser resistida mas não eficazmente*** pois é sempre eficaz em trazer todos os seus à salvação plena (Jo. 6:44, ".. e eu o ressuscitarei no último dia"; 10:27, "As minhas ovelhas *ouvem a minha voz*, e elas me seguem;"; I Jo. 4:19; *At. 13:48*; Ef. 2:4-5, 8-9; II Ts. 2:13). Por Deus pensar favorável para com os Seus antes de operar qualquer outra obra dEle, listamos primeiro a Sua graça entre as obras internas. Entendemos que somente os "seus" podem vir a Cristo (Jo. 1:12,13; 6:44, "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não

trouxer"; 6:65, "..ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lhe for concedido.") e estes vêem por serem capacitados pela Sua graça especial (II Co. 3:5, "a nossa capacidade vem de Deus"; Gl. 1:15; Ef. 2:8,9). "O teu povo será mui voluntário no dia do teu poder;" (Sl. 110:3)

A Obra do Espírito Santo

Os eleitos são como todos os outros também (Ef. 2:1-3). Portanto os eleitos, como qualquer incrédulo, são *cegos no entendimento* (I Co. 1:18; 2:14; II Co. 4:4 Ef. 4:18) não podendo ver o reino de Deus (Jo. 3:3); *surdos de coração,* não podendo ouvir a Palavra de Deus (Jo. 8:43,47); *adormecidos no conhecimento* (Ef. 5:14), não podendo ser atenciosos a vinda de Cristo (Mt. 25:2,3; Is. 56:8-12). Portanto os eleitos, antes de serem salvos, são *espiritualmente mortos* (Ef. 2:1,5; Cl. 2:13; Ap. 3:1) não podendo reagir pelas suas próprias forças à mensagem da vida. Se qualquer homem pecador chegar à fé verdadeira, este precisará de uma obra de Deus na sua vida. Essa obra divina é feita pela graça de Deus através de uma operação do Espírito Santo.

O Espírito Santo claramente opera nos corações dos homens mesmo que essas obras não são sempre nitidamente observadas por todos os homens. Essas obras do Espírito Santo são o despertar, iluminação, a convicção e a regeneração.

O Despertar do Espírito Santo

"No despertar do pecador, o Espírito de Deus *impressiona a mente sobre a* ***realidade*** *da eternidade e do juízo*. O pecador torna-se consciente de que está perigosamente sob a ira de Deus. Os assuntos espirituais tornam-se importantes" Por causa da obra do Espírito Santo em despertar não ser sinônimo de regeneração o despertar nem sempre resulta na salvação da alma.

A impressão na mente do pecador que ele está sob a ira de Deus pode ser somente momentânea como nos exemplos do jovem rico (Mc. 10:17-22) e do poderoso Félix (At. 24:25-26) e simbolizada na ocasião da sementeira sobre pedregais e entre espinhos na parábola do semeador (Mc. 4:16-19).

A Iluminação do Espírito Santo

O pecado prende nos laços do diabo (II Tm. 2:26; Hb. 3:13) e o coração do homem é depravado (Jr. 17:9; Pv. 28:26). Por essas razões o pecador precisa ser *iluminado do* ***perigo*** *do pecado e da gravidade de uma eternidade sem a salvação*. É somente o Espírito Santo que provoca essa iluminação e nunca é produzida pelos homens por mais sinceros ou bem intencionados que sejam. Os homens não elegidos em geral podem receber um grau de iluminação ao ponto de serem movidos a temer as conseqüências eternas do pecado (At. 26:28; Hb. 6:4-6; 10:20, 32, 33). Todavia são somente os elegidos que são "renovados para o conhecimento" (Cl. 3:10; Hb. 10:38,39) ao ponto de serem capacitados a crerem no Evangelho (Jo. 10:27; At. 2:42, "de bom grado receberam a palavra"; 13:48).

A Convicção dada pelo Espírito Santo

O despertar e a iluminação revelam o *perigo* do pecado, a convicção aponta *a causa* do perigo. Quando assim o Espírito Santo opera nos Seus, o homem é convencido do seu pecado, a justiça de Deus e o juízo de Deus sobre toda a impiedade (Jo. 16:8-11).

A Regeneração

A regeneração é absolutamente necessária para a salvação (Jo. 3:3,5). A mudança radical na alma do homem o capacita a entrar no reino de Deus, é o que chamamos regeneração.

Os Nomes da Regeneração pela Bíblia

Essa obra instantânea do Espírito Santo que faz o eleito ter uma disposição santa tem vários nomes pela Bíblia. É biblicamente chamada "a regeneração" (Tt. 3:5), "nascer de novo" (Jo. 3:3) ou ser "nascido do Espírito" (Jo. 3:6). Toda parte do homem é afetada pela regeneração. Os desejos são renovadas, a mente é iluminada para o entendimento do reino espiritual e o estilo da vida passou a ser novo (II Co. 5:17).

A Natureza da Regeneração

A natureza da regeneração é entendida pelas palavras bíblicas usadas para simboliza-la:

1. Criação – Ef. 2:10

2. Novo nascimento – João 3:3
3. Renovação – Cl. 3:10
4. Nova natureza – II Co. 5:17
5. Novo coração – Ezequiel 36:26
6. Ressurreição – Ef. 2:1,5
7. Uma árvore boa – Mt. 7:17
8. Resplendor com luz – II Co. 4:6
9. As Leis de Cristo escritas no coração – Hb. 8:10
10. Translado – Cl. 1:13

O Fruto da Regeneração

O Espírito Santo faz uma nova disposição no coração do homem. Até este momento, o homem é passivo. Com a nova disposição no coração o homem torna a ser ativo. A nova natureza nascida pela obra do Espírito Santo evidencia-se. Chamamos as evidências dessa natureza o "fruto" da regeneração. O fruto da regeneração é a fé (I Jo. 5:4,5; Hb. 12:2; I Pe. 1:3), o arrependimento (II Tm. 2:25), amor a Deus (I Jo. 4:19), o amor aos outros (I Jo. 4:7; 3:14) e a perseverança (Fp. 1:6; I Jo. 5:4,5).

Observação

Nem todos os que são despertados, iluminados ou trazidos à convicção vêm eficazmente a Cristo (Mt. 20:16, "muitos são chamados, mas poucos escolhidos"; At. 7:51, "vós sempre resistis ao Espírito Santo"; Jo. 10:26, "Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas"). Todavia, todos os que são regenerados vêm eficazmente a Cristo para todo o sempre.

A oração dos Salvos

A oração é um meio tão importante quanto necessário. É tanto uma obra divina quanto uma responsabilidade do homem (Ez. 37:9,10).

A Bíblia claramente afirma que Deus usa as orações dos salvos na chamada dos seus eleitos à salvação. A oração é útil na aplicação da Palavra de Deus ao coração dos que Deus chama. Somos animados a

orar pelo exemplo de Cristo e dos seus discípulos e pelos mandamentos inspirados pelo Espírito Santo na Palavra de Deus. A oração nunca pode mudar Deus pois Ele não muda (Ml. 3:6; Tg. 1:17) mas ela verdadeiramente é um meio eficaz que Deus estimula e usa para fazer a Sua vontade (Mt. 7:7-11; Lc. 18:1-8; Ef. 1:11; Rm. 8:26).

O efeito que a oração tem como meio no chamamento dos eleitos à salvação é entendido por Jesus ter feito uso da oração. Mesmo que Jesus é Deus e portanto onisciente e onipotente Ele freqüentemente orava. Nas suas orações Ele expressava os desejos do Seu coração juntamente clamando que tudo seja segundo a vontade do Pai (Mt. 26:39). Entre outras razões, por orar, Jesus também orava pelos que, no momento da oração, não eram salvos. Ele orou pelos que iriam ouvir o Evangelho e seriam salvos (Jo. 17:9-11, 20, "E não rogo somente por estes, mas *também* por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;").

A sua vida pode ser a única Bíblia que muitos lêem. Viva em submissão constante à Palavra de Deus, para que Cristo seja manifesto e Deus glorificado no mundo

(I Pedro 4:14-19).

A Eficácia da Chamada à Salvação

Os meios internos (a graça e a obra do Espírito Santo) e os meios externos (a Palavra de Deus sendo aplicada pela pregação, a oração intercessora e pelo testemunho de uma vida Cristã) são eficazes para que os escolhidos venham em tempo oportuno ao arrependimento dos seus pecados e à fé em Cristo Jesus.

A Salvação Realizada

A chamada particular efetivada pelos meios bíblicos tanto invisíveis (a graça e o Espírito Santo) quanto visíveis (a Palavra de Deus, a oração e a vida exemplar) cumpre o desígnio da vontade de Deus naqueles que Ele escolheu: a salvação eterna de uma alma.

A Manifestação da Conversão O Arrependimento

A manifestação da conversão é pelo o **arrependimento** e a fé. O arrependimento é **uma manifestação da conversão**. Porém nem todo o arrependimento é evangélico. Pelo Novo Testamento existem três palavras gregas diferentes traduzidas "arrependimento" em português. Duas dessas palavras *não* estão envolvidas na doutrina da salvação. Somente *uma* dessas palavras é o arrependimento associado com a salvação.

O primeiro desses usos da palavra "arrependimento" é usado no Novo testamento para mostrar *imutabilidade* (#278, Strong's). Somente duas referências no Novo Testamento usam a palavra arrependimento para significar imutabilidade. Estas referências são II Co. 7:10, "da qual ninguém se arrepende" e Rm. 11:29, "os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento".

O segundo uso da palavra "arrependimento" é usado no Novo Testamento para mostrar *remorso pelas conseqüências do pecado* (#3338, Strong's). Existem cinco referências bíblicas do Novo Testamento que usa essa palavra grega traduzida arrependimento.

Essas referências são: **Mt. 21:29**, "Mas depois, arrependendo-se, foi"; **Mt. 21:32**, "nem depois vos arrependestes para o crer."; **Mt. 27:3**,"arrependido"; **II Co. 7:8**, "não me arrependo", "já me tivesse arrependido"; **Hb. 7:21**,".. Jurou o Senhor, e não se arrependerá". O terceiro uso da palavra "arrependimento" é o usado no Novo Testamento para mostrar horror pelo pecado (#3340 e #3341, Strong's). A maioria das referências bíblicas no Novo Testamento (58 vezes) que usa a palavra "arrependimento" é de uma dessas duas palavras gregas. O significado desse uso evangélico da palavra arrependimento é compunção, contrição, um reverso de decisão e de pensar diferentemente ou reconsiderar. As referências bíblicas são: (#3340) Mt. 3:2; 4:17; 11:20,21; 12:41; Mc. 1:15; 6:12; Lc. 13:3,5; 15:7,10: 16:30; 17:3,4, 7, 10; 10:13; 11:32; At. 2:38; 3:19; 8:22; 17:30; 26:20; II Co. 12:21; Ap. 2:5, 16,21,22; 3:3, 19; 9:20,21; 16:9,11 e (#3341) Mt. 3:8, 11; 9:13; Mc. 1:4; 2:17; Lc. 3:3,8; 5:32; 15:7; 24:47; At. 5:31; 11:18; 13:24; 19:4; 20:21; 26:20; Rm. 2:4; II Co. 7:9, "contristados para

o arrependimento"; 7:10, "a tristeza segundo Deus opera o arrependimento para a salvação"; II Tm. 2:25;
Hb. 6:1,6; 12:17; II Pedro 3:9. Este terceiro uso da palavra a "arrependimento" é o uso evangélico, ou, o arrependimento envolvido na salvação.

O arrependimento evangélico é diferenciado dos primeiros dois usos da palavra em três maneiras: o pecado é reconhecido, o pecado é lamentado e aborrecido, e o pecado é abandonado. **Esses três elementos se vê na salvação de Zaqueu** (Lc. 19:1-6). Pela pregação da Palavra de Deus o Espírito Santo convence da natureza do pecado e da sua culpa.

O senso evangélico do arrependimento é entendido quando o pecado é *reconhecido*. Quando o pecado é visto como rebelião contra Deus, contra a Sua santidade, e como uma ofensa a Deus, o senso evangélico do arrependimento é manifestado. Quando o pecado é reconhecido o elemento *intelectual* do arrependimento está em ação (Rm. 2:4). A pregação da Palavra de Deus e o ministério do Espírito Santo convencem o pecador do fim do seu pecado e impressiona que tal pecado é contra Deus.

O senso evangélico do arrependimento é entendido quando o pecado é *lamentado e aborrecido*. Quando a tristeza divina do pecado é presente e é lamentada a sua situação de ser fora de Deus o senso evangélico do arrependimento é entendido. Quando o pecado é lamentado e aborrecido o elemento *emocional* do arrependimento está na ação. A nossa pregação deve incluir uma chamada à tristeza pela culpa de ter pecado e por não ter abandonado o pecado (Lc. 24:47).

O senso evangélico do arrependimento é entendido quando o pecado é *abandonado*. Nessa fase do arrependimento evangélico a *conduta* do pecador arrependido muda (Mt. 3:8; Lc. 3:8, "obras dignas de arrependimento"; II Co. 7:11). Quando o pecado é abandonado o lado *volitivo ou voluntário* do arrependimento está em ação.

O arrependimento evangélico é também um *dom de Deus* (At. 5:31,

“Deus .. para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados”; 11:18, “Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida”; Rm. 2:4, “a benignidade de Deus te leva ao arrependimento”; II Tm. 2:24,25).

Devemos entender que o arrependimento evangélico, aquele que faz parte da salvação, *não é penitência*. A penitência, segundo os católicos, faz parte do arrependimento. A penitência envolve a punição dos pecados passados pelo jejum e por outros exercícios que possam expressar exteriormente um remorso interno (confissão, rezar, autoflagelação, observar quaresma, etc.).

O arrependimento verdadeiro é uma mudança interna que não é imposta por castigos externos. *O fruto do arrependimento não é o próprio arrependimento!* O fruto do arrependimento verdadeiro **é fé na obra suficiente de Cristo no lugar do pecador** (At. 5:31, “o arrependimento e a remissão dos pecados”; 20:21, “a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo”; Hb. 6:1, fazem parte dos rudimentos da doutrina do arrependimento *e* da fé em Deus; II Tm. 2:25). O sacrifício de Cristo basta para salvar o pecador (Rm. 4:7,8; 10:4, “Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.”; Hb. 10:14, “com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados.”; I Jo. 1:7, “o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.”). Atos temporais do homem nunca podem expiar nenhum pecado (Jó 14:4; Is. 40:6; 64:6). A Bíblia é silenciosa sobre o homem expiando o seu próprio pecado mas abundante em exemplos de Cristo ser o substituto *suficiente* pelos pecados (Is. 53:10,11; II Co. 5:21).

A Santificação - Hebreus 12:14 O que significa

A palavra “santificar”, como usada na Bíblia, significa principalmente “*separar algo para um uso especial”*. Um exemplo disso é a santificação do sábado, uma separação do sétimo dia dos demais dias da semana para um propósito especial (Êx. 20:8-11; Dt. 5:12-15).

Mas a santificação não é apenas uma separação. Significa também uma *separação para a santidade* (Nm. 6:5-8; Hb. 7:26; II Tm. 2:1921). A

palavra “santificação” também tem a idéia de *purificação* ou de uma *lavagem* (Hb. 9:13-14; Ef. 5:26).

Como o pecado nos culpou e nos sujou na nossa natureza, Deus, por Cristo, na salvação nos justifica, tirando a culpa; nos adota, oficializando nossa posição de filho e nos santifica, nos dando uma *natureza santa* (Rm. 5:17; 6:19). A **justificação** tira a nossa culpa legal diante de Deus. A **adoção** nos dá uma relação familiar. A santificação nos faz andar moralmente limpos diante de Deus e dos homens. Na **justificação recebemos o título da inocência**. Na **adoção é nos dado o título da nossa herança**. Na **santificação somos feitos capazes de desfrutar e usufruir daquela herança** (Fp. 4:13; I Co. 1:30; 6:11; I Jo. 1:9).

Definindo melhor, a santificação é aquela operação que muda o nosso caráter e a nossa conduta.

Os Frutos da Santificação

A santificação do cristão não é algo estático ou neutro. A santificação produz evidências no interior do próprio cristão e também exteriormente diante o mundo.

A santificação na vida do cristão produz interiormente *uma consciência real da impureza latente na carne.* Muitos são os santos na bíblia que lamentaram da sua impiedade mostrando-nos a realidade que por mais santo que sejamos mais impuros nos sentimos (Jó 38:1,2; 40:3,4; 42:5,6; Is. 6:3-5; Ef. 3:8; Fp. 3:12-15).

A santificação na vida do cristão produz *boas obras exteriormente diante do mundo* (Ef. 2:10). Com uma nova natureza, o cristão torna a ser o sal da terra e a luz do mundo pelas suas boas obras (Mt. 5:1316). Essas obras são boas, não por causa da sinceridade do cristão mas porque elas vêem do coração regenerado (Mt. 12:33; 7:17,18; Jo. 15:5); do amor para realizar a vontade de Deus (Dt. 6:2; I Sm. 15:22; Jo. 14:15; I Jo. 5:3); do desejo de glorificar somente a Deus (Jo. 15:8; Rm. 12:1; I Co. 10:31; Cl. 3:17,23); de um coração cheio de gratidão (I Co. 6:20; Hb. 13:15) e de uma fé verdadeira (Tg. 2:14,17,20-22). Quando o cristão ainda estava na carne usou os seus membros para toda a

imundícia, agora, com a nova natureza, usa os seus membros para servir à justiça para santificação (Rm. 6:19; 12:1,2).

Existem estes frutos na sua vida Cristã?

O alvo da glorificação

O propósito central da Palavra de Deus, da obra do Espírito Santo, da igreja e da providência na vida do cristão é fazê-lo mais e mais como Cristo para que Deus receba a glória (Rm. 8:29, "para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos.") Portanto a glorificação, sendo parte deste maravilhoso propósito é especificamente para fazer-nos perfeitos à imagem de Cristo (Ef. 4:13, "à medida da estatura completa de Cristo").

Pela fé na obra de Cristo, o pecador arrependido vê a sua regeneração e volta a ter a vida espiritual para com Deus. Todavia, até que ele tenha a última vitória sobre a morte, o pecador salvo habita num mundo amaldiçoado. O pecador salvo também é preso num corpo onde habita o pecado (Rm. 7:23,24). Este tempo no corpo é uma vivência de lutas (Gl. 5:17), de muitas tentações (I Co. 10:13) e de constantes tristezas (Rm. 7:23,24,

"Miserável homem que eu sou!"). Mas, num glorioso dia, na transformação do seu corpo mortal para um corpo imortal, o salvo será feito como Cristo na sua perfeita glória. Aquela glória que foi testemunhada no monte da transfiguração (Mt. 17:1-6; II Pe. 1:17,18); aquela glória que cegou Paulo no caminho para Damasco (At. 9:3-8; 22:6-11); aquela glória que fez João cair como morto aos pés dAquele semelhante ao Filho do homem (Ap. 1:17), é aquela glória que espera o cristão na sua glorificação.

O Amor De Deus

Uma das causas da nossa salvação é o amor de Deus (II Co. 8:9; I Jo. 4:19). Este é um amor especial que faz parte da presciência de Deus (Jr. 31:3; I Pe. 1:2). O amor particular de Deus, de primeira mão, traz os pecadores à salvação (Dt. 7:7-9; Rm. 9:9-16; I Jo. 4:19). O salvo, porém, nunca é perfeito enquanto trilha na carne nessa terra. O pecado

que habita na sua carne (Rm. 7:18,23) cobiça contra o novo homem, aquele homem espiritual que tem prazer na lei de Deus, que nasceu dEle na hora da regeneração (Gl. 5:17). Pelo cristão ter o pecado na carne, ele não é perfeito, não faz tudo o que deseja para agradar a Deus (Rm. 7:19-21). Mas, mesmo que os erros e fraquezas trazem a correção, que por sua vez conformam o cristão mais e mais na imagem de Cristo (Hb. 12:5-12), a benignidade de Deus não é retirado totalmente do filho (Sl. 89:30-33). Este amor especial de Deus que começou a salvação, é instrumental na preservação dos salvos até o fim, pois não há possibilidade de existir nada mais poderoso do que este amor (Rm. 8:35-39). Somos vencedores por Aquele que nos amou!

A LIBERDADE DE DEUS E O LIVRE ARBÍTRIO DOS HOMENS

O livre arbítrio do homem é axioma cristão. Toda moral, quer sob a Lei, quer sob o Evangelho, o responsabiliza e o considera capaz de considerar motivos, pesar alternativas, calcular necessários para os atingir. Esta verdade elementar é fato fundamental em nossa experiência e assim agimos a cada momento.

Os nomes bíblicos desta verdade são as doutrinas de predestinação, eleição, chamada eficaz, graça, providência, soberania divina, e doutrinas congêneres em toda a esfera de revelação. Todos esses atos correspondem, em Deus, a decisões tomadas por nós, no exercício de nossa liberdade, todos os dias de nossa vida, não neguemos, pois, a Deus a liberdade que gozamos e usamos e consideramos indispensável ao gozo de personalidade. Porquanto a personalidade é a natureza que é comum a nós e Deus, a liberdade de escolha é da sua essência vital. A escolha divina é para todos os fins da vontade de Deus. A definição da doutrina da eleição por Strong é: *"O ato eterno de Deus, pelo qual, segundo o seu beneplácito soberano e não em consideração de mérito*

previsto, Ele escolhe certas pessoas do mundo de pendores, para serem os recipientes da graça especial de seu Espírito, de modo a se tornarem participantes voluntários da salvação de Cristo…" Assim a escolha divina e a fé humana são voluntárias. Não há perigo de negarmos o livre arbítrio do homem na salvação. Tenhamos pela fé ao menos igual apoio da liberdade de Deus em todas as escolhas relacionadas com a salvação, o serviço cristão e o progresso do reino de Deus até o seu triunfo final.

Strong também salienta duas doutrinas distintas das chamadas divinas que as Escrituras afirmam. Uma é a chamada universal do evangelho, como se vê em Isaías 45.22; 55.16; 65.12; João 12.22, etc. etc… A outra é a chamada eficaz do Espírito Santo no Coração que nos conduz sobrenaturalmente, pela correspondermos à eleição divina e à sua chamada eficaz, unido assim a escolha divina e a humana, mutuamente, na experiência da salvação. Esta doutrina da chamada especial e eficaz, gravada em nossos espíritos pelo Espírito de Deus, se encontra em Lucas 14.23; Romanos 1.7; 8.30; 11.29; 1 Coríntios 1.23,24,26; Filipenses 3.14; Efésios 1.18; 1 Tessalonicenses 2.12; 2 Tessalonicenses 2.14; 2 Timóteo 1.9; Hebreus 3.1; 2 Pedro 1.10. Strong define esta chamada eficaz como a operação poderosa do Espírito, levando o pecador a Cristo. Paulo contempla a majestosa unidade inquebrantável desta eterna salvação. As mesmas pessoas que ele previu como já glorificadas no céu, foram anteriormente predestinadas, eficazmente chamadas, justificadas e então glorificadas. E de todos os crentes Ele tem tanta certeza da sua salvação assim consumada que emprega até tempo passado do verbo cinco vezes: "Dantes conheceu (não era mera presciência, mas eleição, conhecendo-os como seus)… predestinou… chamou… justificou… glorificou" (Romanos 8.29,30). Os elos se estendem de eternidade a eternidade, e são todos atos divinos, decisões da livre vontade de Deus. Nunca ponhamos uma verdade em oposição a outra, nem

consintamos que uma eclipse outra. Acima de todas as liberdades, sem contradizer ou negar ou enfraquecer nenhuma delas, é a liberdade de Deus. Creiamos no Deus livre e real, cujo livre arbítrio é tão genuíno e independente como o nosso, e para cujos propósitos há os infinitos recursos de sua personalidade divina, "que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade".

FIM